



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA

LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

Tallys Júlio Souza Lima

“Maria eu observei nas palavras que *mandastes* dizer na carta que *tu* ainda *duvidas* do meu amor, mas *você* não *tem* razão de assim *se* expressar”: a variação dos pronomes pessoais *Tu* e *Você* em cartas de amor rurais do sertão pernambucano

Serra Talhada

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA

LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

Tallys Júlio Souza Lima

“Maria eu observei nas palavras que *mandastes* dizer na carta que *tu* ainda *duvidas* do meu amor, mas *você* não *tem* razão de assim *se* expressar”: a variação dos pronomes pessoais *Tu* e *Você* em cartas de amor rurais do sertão pernambucano

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada, como requisito obrigatório para obtenção do título de graduado em Letras

Orientador: Prof. Dr. Cleber Alves de Ataíde

Serra Talhada

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca da UAST, Serra Talhada - PE, Brasil.

L732m Lima, Tallys Júlio Souza
“Maria eu observei nas palavras que mandastes dizer na carta que tu ainda dúvidas do meu amor, mas você não tem razão de assim se expressar”: a variação dos pronomes pessoais Tu e Você em cartas de amor rurais do sertão pernambucano / Tallys Júlio Souza Lima. – Serra Talhada, 2018.
54 f.: il.

Orientador: Cleber Ataíde
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Letras) – Universidade Federal Rural de Pernambuco. Unidade Acadêmica de Serra Talhada, 2018.
Inclui referências.

1. Linguística. 2. Sociolinguística. 3. Cartas de amor I. Ataíde, Cleber. orient. II. Título.



**Universidade Federal Rural de Pernambuco
Unidade Acadêmica de Serra Talhada
Licenciatura Plena em Letras**

TALLYS JÚLIO SOUZA LIMA

“Maria eu observei nas palavras que *mandastes* dizer na carta que *tu* ainda *duvidas* do meu amor, mas *você* não *tem* razão de assim *se* expressar”: a variação dos pronomes pessoais *Tu* e *Você* em cartas de amor rurais do sertão pernambucano

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Dr Cleber Alves de Ataíde – UFRPE/UAST
1^ª Examinador/Orientadora

Prof^ª. Dr. Renata Livia de Araújo Santos – UFRPE/UAST
2^ª Examinadora

Prof^ª. Dr. Dorothy Bezerra Silva de Brito – UFRPE/UAST
3^ª Examinadora

Serra Talhada, 21 de Agosto de 2018

AGRADECIMENTOS

-Nem acredito que
consegui! Que assim
seja!

Nada mais justo do que iniciar essa seção de agradecimentos dando graças a Deus (as) e às Espiritualidades Amigas, que vêm me acompanhando nessa jornada terrestre dando-me forças para evoluir grandes passos nesse (relativamente) longo processo de aprendizagem, amadurecimento e, a partir de agora, ensino.

Agradeço aos órgãos financiadores dos programas de Bolsas Universitárias, das quais tive a oportunidade de participar (CNPq/CAPES – PIBID, PIBIC e PAD).

Penso ser necessário, levando em consideração o atual momento histórico que estamos vivenciando, ressaltar a grande importância da EDUCAÇÃO para a transformação interna dos seres humanos e da vida em sociedade.

OS INVESTIMENTOS NÃO PODEM PARAR!

Durante a minha vivência acadêmica, pude reconstruir-me aos poucos, reconhecer-me em erros e acertos diariamente, mas sempre buscando construir um futuro profissional de excelência em qualidade (na medida das minhas limitações pessoais) para contribuir de maneira significativa na formação do meu próximo.

Agradeço também aos meus Pais, que me deram a oportunidade de renascer em um novo ciclo da humanidade. Em especial a minha mãe, que com muitos sacrifícios, dificuldades e na medida de suas possibilidades, me criou e educou. Ao meu Pai, que, em contrapartida, forneceu o apoio financeiro necessário para a minha educação. E, não podendo esquecer, gratidão aos meus queridos avós, que sempre me compartilharam muito carinho, amor e compreensão; ao meu Padrinho que estará sempre vivo no meu coração e as minhas Tias Dôra, Nida e Mite, que foram figuras fundamentais no apoio da minha criação e educação.

Muito mais que gratidão estendo também aos meus queridos(as) Professores(as) Mestres(as) e Doutores que, durante esse tempo, compartilharam seus conhecimentos/experiências comigo e com os demais estudantes ruralinxs deste sertão. Mais especificamente, agradeço àquelxs que me orientaram (penso que não foram poucos – Profº Adeilson Sedrins; Prof. Dr Walison Paulino; Prof. Dr Jean Paul d’Antony; Prof. Dr Larissa Cavalcante e a Prof. Dr Bruna Dugnani) nas minhas indecisões, dificuldades e curiosidades. Agradeço especialmente ao Professor Drº. Cleber Alves Ataíde, por

introduzir-me (com muita paciência) nesse magnífico mundo da ciência Linguística e, também, pelos concelhos humanos que foram fundamentais para minha formação/transformação pessoal/profissional.

Por fim, mas não menos importante, gostaria de estender esses últimos agradecimentos para alguns queridxs amigxs, que tiveram muito amor, carinho e paciência nas minhas múltiplas fases de amadurecimento. Começo por citar minha madrinha de Letras Emanuelle Rodrigues (Manu), primeira motivadora a meu ingresso no curso de Licenciatura da UAST. Gratidão a minhas colegas de turma Hanna e Sara, que me incentivaram a buscar meus sonhos e sempre foram muito solidarias às minhas dificuldades nos primeiros períodos. Obrigad@ as minhas amigas (os) Emilly Julia, Weider Maviael, Jamile Alves, Taís Dafne, Shirlene Santos, Amanda Vieira, Nathália Alves, Dorotéia, Sheila, Sabrina Souza e toda sua família, Jean Magalhães, Robson Marques, Clarice Santos, Kalindi Narayanna e aos demais Manos e Manas que passaram pelo meu caminho nessa longa jornada acadêmica inesquecível.

A vista do Pilão

Atrepada num pilão Vejo toda a região
Horizonte em cor azul É o vale do Pajeú
É a vida do sertanejo
Quando não tá lhe dando um beijo
Tá sentindo a sensação
É visão para todo ângulo
E o vento se "ajuntando" Balançando a estação
O inverno vem discreto
Diferente do verão, seca o pote, racha o chão
E a comadre reza alto: Meu senhor me mande chuva e me livre dos pecados
Vou ascender milhões de velas
Se amanhã for primavera
E amanhecer tudo a florado
Quero vida no roçado e beleza a minha volta
Quero o cheiro da aurora rodeando o meu terreiro
E o aboio do vaqueiro dando carreira no mato
A zoadá do riacho quando desce a cachoeira
Os serrotes, as veredas...
Tudo isso é emoção
É a vista do Cruzeiro
E eu não troco por dinheiro me "atrapar" nesse pilão.

Autoria: Poetisa, Compositora e Cantora Triunfense Jéssica Caetano

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Datação cronológica sobre a produtividade das formas nominais ao decorrer dos séculos XIV e XV.....	16
Quadro 2: Síntese adaptada das distribuições dos seis subsistemas dos pronomes de segunda pessoa por região e estado.....	19
Quadro 3: Normas de transcrição do PHPB.....	27
Quadro 4: Ocorrências Gerais dos anos 50.....	35
Quadro 5: Ocorrências Gerais dos anos 70.....	36
Quadro 6: Categoria de Sujeito Preenchido e Não-preenchido nos anos 50.....	37
Quadro 7: Categoria de Sujeito Preenchido e Não-preenchido nos anos 70.....	38
Quadro 8: Fator da Concordância nos anos 50.....	39
Quadro 9: Fator da Concordância nos anos 70.....	40

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1:** Comparativo de produtividade sobre posição de sujeito.....41
- Gráfico 2:** Comparativo entre categorias preenchida (-P) e não preenchida (-N-P).....41

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Carta de amor digitalizada e transcrita.....	28
Figura 2: Localização geográfica do município.....	29
Figura 3: Município atualmente.....	29
Figura 4: Visão aérea do município.....	29
Figura 5: Ponto central da cidade.....	30
Figura 6: Baú encontrado na coleta.....	30

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar os resultados da investigação sobre a variação de uso das formas de tratamento *TU~VOCÊ* na posição sintática de sujeito em cartas de amor produzidas, nas décadas de 50 e 70, por dois casais não-ilustres oriundos de uma comunidade rural do sertão pernambucano. Para analisar a alternância entre as formas tratamentais, consideramos o aporte teórico-metodológico da Sociolinguística Histórica e Variacionista, além do auxílio do programa computacional Goldvarb, a fim de verificar a atuação dos seguintes fatores: categoria de realização do sujeito preenchida e não-preenchida e o paradigma de concordância entre os elementos sintáticos Sujeito-Verbo (S-V). Na análise quantitativa dos dados, conseguiu-se evidenciar a produtividade do subsistema de tratamento *Você/Tu* (LOPES E CAVALCANTE, 2011), para o interior do estado de Pernambuco, utilizado como estratégia de referência à segunda pessoa do discurso. Notou-se também que há uma preferência de uso pelos escreventes do pronome *VOCÊ* em categoria preenchida e o aumento gradativo da produtividade da forma inovadora (*VOCÊ*) ao longo dos anos. Considerando o paradigma de concordância S-V, podemos constatar que, na documentação remanescente ao período analisado, já havia vestígio do atual subsistema de tratamento empregado no estado de Pernambuco: uso de *Tu/Você* com nível de concordância média (SCHERRE et. al., 2009; 2015 e 2018), sendo que, nos anos 50, detectou-se uma coexistência proporcional no uso entre as duas formas pronominais *TU* e *VOCÊ* distribuídas dentro do subsistema *Você/Tu*. Já nos anos 70, percebe-se uma preferência pelos missivistas no emprego de *VOCÊ* como pronome sujeito, embora a forma conservadora *TU* mantivesse-se resistente no subsistema como marca de desinência verbal.

ABSTRACT

This work aims to present the results of research on the variation of the use of TU ~ VOCÊ in the syntactic position of subject in letters of love produced in the 50s and 70s by two non-illustrious couples from a rural community of the semi-arid of the Pernambuco State. In order to analyze the alternation of the treatment forms, we consider the theoretical-methodological contribution of Historical and Variationist Sociolinguistics, aiming to verify the performance of the following factors: category of fulfillment of the filled and unfilled subject and the agreement paradigm between the syntactic elements Subject -Verb (SV). In the quantitative analysis, we were able to indicate: the productivity of the treatment form VOCÊ/TU (LOPES AND CAVALCANTE, 2011), used as a strategy of referring the second person of the discourse. We also identified the preference of executing the pronoun VOCÊ in a filled category, in the two decades observed, some peculiarities in the use of the traditional pronoun TU and the gradual increase of use of the innovative form (VOCÊ) over the years. Considering the agreement paradigm, we can see that, in the remaining documentation for the analyzed period, signs of the current subsystem of treatment used in the state of Pernambuco have been already present: TU/VOCÊ use with average agreement level (SCHERRE et al., 2009; 2015 and 2018).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.	12
CAPÍTULO I	
1. A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO PRONOME VOCÊ	14
1.1 A reverência imperial.	14
1.2 <i>TU</i> e <i>VOCÊ</i> pelo Brasil: a configuração diatópica dos subsistemas.	17
1.3 O ambiente de realização do <i>TU</i> e <i>VOCÊ</i>	23
CAPÍTULO II	
2. EM BUSCA DE VESTÍGIOS: ASPECTOS METODOLÓGICOS PARA ANÁLISE	26
2.1 Constituindo um novo <i>corpus</i> de cartas pernambucanas.....	26
2.1.1 A região	28
2.1.3 Os escreventes	30
2.2 Os fatores de análise	32
CAPÍTULO III	
3. A VARIAÇÃO <i>TU</i>~<i>VOCÊ</i> EM CARTAS DE AMOR SERTANEJAS	34
3.1 As ocorrências das formas <i>TU</i> e <i>VOCÊ</i> nas décadas 50 e 70.....	34
3.1.1 A ambientação sintática das formas <i>TU</i> e <i>VOCÊ</i> no <i>corpus</i>	36
3.1.2 Análise comparativa entre as décadas 50 e 70.	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS.	44
Apêndices	48

INTRODUÇÃO

Traçando o percurso histórico das formas de tratamento nas línguas românicas, Brown & Gilman (1960) constatam que, até o século IV, só existiam duas formas para se dirigir ao interlocutor: O *TU* para uso no singular e o *VÓS* para o plural. A partir desse período, o pronome *VÓS* passou a atender a um sujeito específico na camada social: o Imperador. Assim, o pronome *VÓS* ficou semanticamente carregado por deferência a alguém hierarquicamente superior na esfera do poder. Cintra (1975) afirma que *TU* (íntimo), *VÓS* (cerimonioso) e *VÓS* (plural) chegaram à Península Ibérica no século XIII. Said Ali (1976) identificou que, no século XIV, a locução nominal *Vossa Mercê* já era empregada como título honorífico para a terceira pessoa do singular, embora originariamente estivesse relacionada como o pronome da segunda pessoa.

Em consonância com Marcotulio (2010), Menon (1995), Lopes, Rumeu e Marcotulio (2011), acreditamos que as transformações econômicas e sociais sofridas ao longo dos séculos desencadearam uma reorganização estrutural da sociedade e, conseqüentemente, do sistema linguístico como um todo. No Brasil, a entrada dos pronomes *VOSSA MERCÊ* e *VOCÊ* está intimamente ligada à chegada de portugueses não aristocratas ao território recém-conquistado. A forma de deferência hierárquica, nesse período, já não se apresentava com semântica de poder e era empregada de forma generalizada pelos portugueses que aqui chegaram (FARACO, 1996). De acordo com dados apresentados por Menon (2006), no século XVI, o pronome se vulgariza, passando de honorífico a comum e de comum a vulgar. Lopes e Duarte (2003) datam o século XVIII como início do processo de pronominalização de *VOSSA MERCÊ*, e o início do século XIX como a efetiva gramaticalização de *VOCÊ*.

Já implementada no sistema pronominal do Português brasileiro, a forma inovadora *VOCÊ* generaliza-se e passa a coexistir no sistema como estratégia de referência para a segunda pessoa do singular ao lado do *TU* íntimo.

Diante dessas constatações, o presente trabalho tem por objetivo analisar a variação das formas de tratamento *TU* e *VOCÊ* em posição sintática de sujeito, considerando as categorias de realização preenchida e não preenchida, como também a relação de concordância entre os elementos sujeito-verbo (S-V). A partir do controle desses fatores intralinguísticos, propomos identificar em cartas de amor sertanejas dos anos 50 e 70: 1) Se há vestígios das atuais diferenças existentes no subsistema pronominal do português do Brasil?; 2) como se configura o comportamento das formas a partir das ocorrências de variação na posição de sujeito? 3) qual a preferência de realização variável do sujeito nas décadas de 50

e 70? 4) a qual fase histórica o comportamento dos elementos linguísticos na posição de sujeito pertence?

Para o desenrolar dos objetivos aqui propostos, adotamos como referencial teórico-metodológico os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística e os conceitos basilares da Sociolinguística-Histórica.

O presente estudo está dividido em três capítulos. No primeiro, apresentamos o contexto histórico em que surge o dualismo pronominal como referência a segunda pessoa do singular e descrevemos o comportamento dos pronomes no território brasileiro. Em seguida, apresentamos os passos metodológicos adotados na pesquisa e os dados sociais dos escreventes do corpus coletado. Por fim, expomos os resultados quantitativos extraído a partir de rodagens realizadas no programa computacional *GoldVarb* e apresentamos um gráfico comparativo sobre a produtividade das formas variantes *TU* e *VOCÊ* nos dois períodos analisados: anos 50 e 70. Para concluir, dissertamos as considerações finais a cerca do fenômeno e disponibilizamos as referências bibliográficas.

CAPÍTULO I

1 A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO PRONOME *VOCÊ*

Nesta seção apresentamos, sucintamente, o contexto histórico em que surge o dualismo pronominal como referência à segunda pessoa do singular com o pronome *VOCÊ*. Em seguida, descrevemos o comportamento desse pronome no território brasileiro, apontando algumas considerações sobre o subsistema nordestino, centralizando o foco da discussão para os estados da Bahia e Pernambuco.

1.1 A reverência imperial

No texto “*The Pronouns of Power and Solidarity*”¹, publicado no ano 1960, Brown & Gilman, sistematizam o perfil histórico das formas de tratamento e a relação direta que essas mantêm com a organização estrutural da sociedade. Para isso, passam a observar algumas línguas Indo-europeias como o francês, italiano, alemão e o espanhol.

De acordo com os autores, até o século IV, existiam apenas duas formas pronominais para referência ao interlocutor: *TU* para uso singular e o *VÓS* para expressar o plural. A partir desse período, o *VÓS* passou a ser empregado, também, como uma forma singular para indicar um sujeito específico da camada social: o Imperador.

Com isso, acreditamos que o desenvolvimento europeu de duas formas no singular para referenciar o interlocutor, iniciou-se com o latim *TU* e *VÓS*. O Português, bem como outras línguas europeias, herdou do latim essa dualidade pronominal para referência à segunda pessoa do discurso. No Francês, por exemplo, existe *TU* e *VOUS*; no espanhol *TU* e *VOS* (mais tarde *USTED*); no italiano há *TU* e *VOI* (com eventual larga de exibição de *VOI*); no alemão, a distinção começa entre *DU* e *IHR*, no entanto, o *IHR* deu lugar para o *ER* que, mais tarde, perde espaço para o *SIE*². No português, tem-se *TU* e *VÓS* (mais tarde *TU* e *VOCÊ*).

¹ Algumas informações apresentadas nesta seção foram extraídas por meio de tradução do texto original sobre a responsabilidade do autor deste trabalho.

² Os autores ainda ressaltam aspectos linguísticos e históricos da língua inglesa, a qual, antigamente, detinha para seus falantes dois pronomes para segunda pessoa: *THOU* e *YE*. Anos mais tarde, *YE* é suplantado por *YOU*.

Segundo Brown & Gilman (1960), existem algumas teorias que tentam explicar quais fatores contribuíram para essa reorganização do paradigma estrutural dos pronomes latinos. Entre elas, os autores apontam a hipótese de que haveria dois imperadores que regulavam/governavam o Império Romano, no século IV. Um imperador ficava encarregado da parte Oriental (em Constantinopla) e outro governava o Império do Ocidente, situado em Roma. Sendo assim, o que era comunicado a um também era comunicado ao outro e, provavelmente, a escolha de *VÓS* como forma de referência a ambos estaria ligada a essa pluralidade imperial. Com a união do império, acabou-se a duplicidade dos imperadores, passando Diocleciano a ser o único representante dotado de deferência.

Outra hipótese possível, apresentada por Cunha e Cintra (2001) *apud* Souza (2012), está relacionada à ideia de que, por ser o imperador um representante do povo, esse dirigia-se aos seus súditos utilizando o pronome *NÓS* que, por vez, começaram a reverenciá-lo por *VÓS*. Com isso, o *VÓS*, por fazer referência a alguém hierarquicamente superior, adquiriu um caráter mais polido e respeitoso, indicando deferência a alguém em destaque na camada social.

Conforme Teyssier (2001) *apud* Souza (2012, p.26), foi essa dupla pronominal como estratégia de referência à segunda pessoa do singular que chegou à Península Ibérica no século XIII. O pronome *TU* com grau de intimidade e o *VÓS* com teor de deferência, permaneceram no Português até o século XVI. Segundo Menon (1995), as convenções sociais vigentes no século XIV exigiam dos falantes o uso de uma forma de tratamento mais respeitosa. Ficaria então o *TU* restrito às relações sociais entre iguais (simétricas) e de superior para inferior (assimétricas descendentes), e o *VÓS*, ligar-se-ia à semântica do poder, empregado nas relações de inferior para superior (assimétricas ascendentes).

Aportando-se em Bakhtin (1981, p.28, *apud* SOUZA, 2012, p. 24), passamos a acreditar que a língua reflete as mudanças de uma sociedade, tendo em vista o fato de que essa está integrada àquela, sendo, portanto, a língua uma indicadora de mudança social. Para Faraco (1996, p.57), o sistema de tratamento ao interlocutor poderia, de certa forma, representar diretamente a organização do *status* social (*apud* SOUZA, 2012, p.24). Sendo assim, quando há mudanças na estrutura social e, conseqüentemente, nas relações entre os indivíduos, o sistema da língua refletiria essas modificações passando por reajustes estruturais.

Faraco (1982, p. 190) citando Santos Luz, afirma que “em decorrência das modificações socioeconômicas passadas pela sociedade portuguesa, entre os séculos XIV e XV, sobretudo no século XV, houve a necessidade de introduzirem-se novas formas de

tratamento com semântica respeitosa para se dirigir ao rei”. Detecta-se, nesse contexto histórico, o nascimento das formas *Vossa Mercê*, *Vossa Senhoria*, *Vossa Alteza*, *Vossa Excelência* e *Vossa Majestade* (MENON, 1995, p.95). Tais construções formam-se por meio de locução nominal substantiva que leva o verbo para a terceira pessoa. Em datação cronológica, Menon (1995) apresenta algumas evidências sobre a emergência funcional das locuções nominiais como estratégia de referência ao rei, entre os séculos XIV e XV, demarcando semântica de deferência. A tabela, a seguir, ilustra os resultados apresentados.

Quadro 1: Datação sobre a produtividade das formas nominiais de tratamento

Datação	Formas Produtivas
1331	<i>VOSSA MÊRCE</i>
1434	<i>VOSSA SENHORIA</i>
1442	<i>VOSSA MAJESTADE</i>
1450	<i>VOSSA ALTEZA</i>
1455	<i>VOSSA EXCELÊNCIA</i>

Fonte: o autor

Segundo a autora, ancorada em Faraco (1982), as formas *VOSSA MERCÊ* e *VOSSA SENHORIA* seriam as mais antigas criações típicas medievais, pois refletem aspectos de duas principais instituições sociais do período: 1) a Mercê do rei (o qual distribuía a Justiça e a Proteção real) e 2) o senhorio, ou poder feudal (proprietários de vastos domínios de terras e direito a vassalos).

As transformações sociais, ocasionadas pelo declínio do sistema feudal e ascensão da burguesia portuguesa, realocaram ambas as formas de tratamento cortês aos ambientes de tratamento não-íntimos entre os nobres (entre iguais).

Aponta-se para o fato de que as camadas sociais mais inferiores também passaram a adotar o uso das formas respeitosas *VOSSA MERCÊ* e *VOSSA SENHORIA*. A semântica de uso atribuída a elas variava de acordo como o tipo de relação assimétrica estabelecida entre os interlocutores, como por exemplo, servos e artesões se tratavam respeitosamente como os nobres faziam entre si. Como resultado desse fato, a forma *VOSSA MERCÊ* começou a perder valor respeitoso e passou a ser empregada, no geral, por todos os falantes. Consequentemente, formas alternativas foram emergindo para singularizar a figura representativa real.

Outra origem provável para a forma *VOSSA MERCÊ* estaria na definição postulada por Wilhelm (1979) citado por Souza (2012), na qual a autora argumenta que haveria uma

ligação histórica direta entre a forma tratamental espanhola *VUSTRÁ MERCÊ* e a portuguesa *VOSSA MERCÊ*. Tal fato poderia estar relacionado com o período histórico em que Portugal ficou sobre o domínio da Espanha, de 1581 a 1640. O desuso cortês do tratamento espanhol o levou, também, a um desgaste semântico-fonético originando a forma reduzida *USTED*.

Segundo datação cronológica realizada por Menon (1995), a forma portuguesa *VOSSA MÊRCE* desaparece do uso honorífico das cortes e é empregada por grande parcela da população em 1490. O resultado dessa expansão desencadeia num processo de gramaticalização da forma que, mais tarde, transforma-se em *VOCÊ*.

Na sociedade portuguesa, os processos históricos de uso e formação do *VOCÊ* variam ao decorrer dos anos. Inicialmente, constata-se o emprego da forma nas relações de inferior para superior, em seguida, em relações entre iguais (detendo uma semântica de respeito) e nas relações de superior para inferior (carregada muitas vezes por semântica pejorativa). A partir de meados do século XVIII, a forma pronominal passou a ser empregado nas relações assimétricas de superior para inferior, podendo, assumir em determinadas situações socio-pragmáticas, conteúdo negativo em oposição à sua forma mãe *VOSSA MERCÊ* (LOPES & CAVALCANTE, 2011, p. 36).

No Brasil, diferentemente de Portugal, a forma *VOCÊ* (s) passou a ser utilizada como tratamento íntimo em quase todo o país. Na próxima seção, apresentamos um panorama geral sobre o uso do *VOCÊ* em contexto brasileiro.

1.1.2 TU e VOCÊ pelo Brasil: a configuração diatópica dos subsistemas

De acordo com Lopes & Cavalcante (2011), em termos históricos, as formas *VOSSA MERCÊ* > *MECÊA* > *VOSSE* > *VOCÊ* chegaram ao território brasileiro sem força cortês nos primeiros tempos do século XVI. Em contrapartida à nação portuguesa, o *VOCÊ* brasileiro não chega a carregar conteúdo estigmatizado de inferioridade, o que, segundo as autoras, deve ter favorecido sua expansão de uso pelo país, principalmente, em coexistência com o íntimo *TU* a partir do século XIX. Ao passo que a forma inovadora se transforma gradativamente, diverge-se do tratamento original, mas herda o caráter semântico indireto e atenuante da estratégia nominal, tornando-se menos invasivo, menos “ameaçador ao interlocutor” (LOPES & CAVALCANTE, 2011, p. 36).

No contexto do século XIX, o tratamento *VOCÊ* apresentava um comportamento híbrido e instável, pois aparecia tanto como estratégia de prestígio usado pela elite brasileira

da época, quanto um tratamento geral em cartas de cunho doméstico ao lado de *TU*. Os resultados parciais obtidos pelas autoras a partir de documentação produzida no Rio de Janeiro revelam que os ambientes morfossintáticos que favoreciam o uso de *VOCÊ* generalizado atualmente no português brasileiro, já se apresentavam entre os séculos XIX e XX. De acordo com Duarte (2003, apud LOPES & CAVALCANTE, 2011, p. 31) o *VOCÊ* se instaurou enquanto pronome de segunda pessoa do singular, principalmente, como sujeito preenchido e complemento preposicionado oblíquo. No entanto, as formas relacionadas ao tradicional *TU* não se perdem.

Em consequência dos processos migratórios externos e internos para o Brasil continental, observa-se, hoje, reflexos distintos do sistema de tratamento que foi se consolidando em Portugal e no Brasil. Assume-se, assim, segundo Lopes e Cavalcante (2011) que é inegável que o *VOCÊ* se generalizou no português do Brasil, seja variando com o *TU* ou como tratamento exclusivo para a segunda pessoa do singular.

Apesar das limitações encontradas por pesquisadores na tentativa de compor um mapeamento completo sobre a situação atual do sistema pronominal do português brasileiro, nas cinco regiões do país, já se cogitam algumas hipóteses no âmbito das análises sincrônicas e diacrônicas sobre os subsistemas de tratamento vigentes em algumas localidades específicas do território brasileiro. Num levantamento promovido por Scherre *et al.* (2009), e revisado em 2015, os autores apresentam uma visão de conjunto desenvolvida a partir de resultados globais extraídos do universo de 29 mil dados de amostras diversificadas sobre o uso dos pronomes pessoais “você”, “cê”, “ocê” e “tu” para a segunda pessoa do singular, identificado na fala de brasileiros.

A partir de então, depreende-se que o sistema tratamental brasileiro oferece a sua pluralidade de falantes, pelo menos, seis subsistemas de referência à segunda pessoa do discurso. Levando em consideração o fator concordância (S-V) com o pronome *TU* e o quantitativo geral das ocorrências relativas à forma tradicional em posição de sujeito, Scherre *et al.* (2009, 2015; 2018) apresentam os subsistemas coexistentes sincronicamente no território brasileiro para referência a segunda pessoa. Seriam eles:

1. *VOCÊ*: uso exclusivo das formas *você/cê/ocê*;
2. *TU com concordância baixa*: domínio de *TU* acima de 60% com concordância abaixo de 10%;

3. TU com concordância alta: predomínio de TU acima de 60% com concordância entre 40% e 60%;
4. TU/VOCÊ com concordância baixa: uso médio de TU abaixo de 60% com concordância 10%.
5. TU/VOCÊ com concordância média: uso médio de TU abaixo de 60% com concordância entre 10% e 39%.
6. VOCÊ/TU sem concordância: uso de TU de 1% a 90%

O emprego desses pronomes de tratamento pode variar de região para região do país, como mostra o quadro, a seguir:

Quadro 2- Síntese adaptada das distribuições dos seis subsistemas dos pronomes de segunda pessoa por região e estado.

Regiões Subsistemas	Centro-Oeste	Sudeste	Nordeste	Norte	Sul
Só VOCÊ	Goiás Mato Grosso Mato Grosso do Sul	Espirito Santo Minas Gerais São Paulo	Bahia	Tocantins	Paraná
Mais TU com concordância baixa				Amazonas	Rio Grande do Sul
Mais TU com conc. alta				Pará	Santa Catarina
TU/VOCÊ com conc. baixa			Maranhão	Tocantins	Santa Catarina
TU/VOCÊ com conc. Média			Maranhão Piauí Ceará Paraíba Pernambuco	Amazonas	Santa Catarina
VOCÊ/TU	Distrito Federal	Rio de Janeiro São Paulo Minas Gerais	Maranhão Bahia	Roraima Acre	

Fonte: Scherre *et al.* (2015, p. 141)

Numa perspectiva diacrônica, Lopes e Cavalcante (2011) defendem que em alguns modelos de análise, se não for levado em conta o fator da concordância, os seis subsistemas podem ser reagrupados em três níveis: (1) *Você-exclusivo*, (2) *Tu-exclusivo* e (3) *Você/Tu*. Consonante Lopes, Marcotulio, Rume *et al.* (2018), tal „amalgama” sugerida pelas autoras é

passível de aplicação em estudos de caráter histórico, pois, por se tratarem de análises em textos escritos, a concordância ou até mesmo as marcas desinenciais de segunda pessoa discursiva aparecem registradas nos textos.

Delimitando alguns aspectos sobre os estudos diacrônicos empreendidos sobre o uso e a variação diatópica do *TU* e *VOCÊ* em território nacional, destacamos alguns estudos.

Atualmente, na região sudeste do Brasil, coexiste dois subsistemas de tratamento para referência a segunda pessoa do discurso: *só-VOCÊ* e *VOCÊ/TU* (SCHERRE et al., 2009, 2015 e 2018). Lopes e Souza (2012), na tentativa de obter uma visão panorâmica sobre a variação do *TU* e *VOCÊ* em mais de 100 anos de produção escrita carioca, analisaram uma amostra de texto constituída por 366 cartas pessoais produzidas por escreventes ilustres e não-ilustres que nasceram e/ou viveram grande parte de sua vida no estado do Rio de Janeiro. As amostras datam de períodos finais do século XIX até o século XX (1870 - 1979) e estão disponíveis no site <www.letras.ufrj.br/laborhistorico>. As autoras evidenciam que há no estado a coexistência de duas formas pronominais para referência singular a segunda pessoa do discurso: *TU* e *VOCÊ*.

Na documentação analisada, foi possível verificar remetentes empregando em uma mesma carta, somente *VOCÊ*, somente *TU* ou as duas formas variantes. Em termos gerais, os resultados apontaram para 763 ocorrências de *VOCÊ* e 762 dados de *TU* como sujeito pleno e nulo, respectivamente, num universo de 1.525 dados.

Cronologicamente, as autoras detectaram três fases distintas ao longo dos séculos XIX e XX sobre a produção escrita carioca de *TU* e *VOCÊ*, são elas:

- I. de 1870 a 1899: *TU* era mais produtivo do que *VOCÊ*
- II. de 1900 a 1939: *TU* e *VOCÊ* apresentam frequência próxima
- III. de 1940 a 1979: há predomínio de *VOCÊ* sobre *TU*.

Na primeira fase histórica detectada pelas autoras, o emprego de *TU* era mais frequente que *VOCÊ*, principalmente, nas relações simétricas de maior intimidade, embora algumas ambientações funcionais do *VOCÊ* já apareçam delineadas nesse período: “maior neutralidade e caráter menos invasivo” (LOPES & SOUZA, 2018, p. 66).

Na segunda fase, encontra-se uma distribuição proporcional entre *TU* e *VOCÊ*. Nesse contexto, a forma *VOCÊ* ainda marca deferência nas relações assimétricas ascendentes. Já nas relações descendentes, a forma mais produtiva na escrita carioca é *TU*. Gradativamente, a

forma inovadora ocupou o lugar de *TU* também nas relações assimétricas. A difusão da forma, no Rio, está ligada à disseminação de seu uso nas relações igualitárias.

Na terceira fase, encontra-se a generalização do *VOCÊ* nos diferentes tipos de relação sociais, comprovando que assim seu caráter polifuncional (detectado esporadicamente desde o século XIX) não se perdeu completamente, mas acompanhou as mudanças na sociedade ao longo do século XX. Sendo assim, Lopes e Souza (2018) detectam que a forma inovadora *VOCÊ* se difundiu como uma estratégia neutra para qualquer situação comunicativa.

Com relação ao preenchimento do sujeito, os resultados indicaram que o pronome *TU* ocorria preferencialmente em categoria nula, ao passo que *VOCÊ* destacava-se enquanto sujeito pleno, com gradativas taxas de frequência ao longo dos anos. Ressalta-se que os poucos dados referentes a *TU* apareceram a partir dos anos de 1930 sem marcação de concordância, na documentação escrita por pessoas com nível de cultura média.

No estudo socio-diacrônico sobre as formas de tratamento na função de sujeito em cartas pessoais dos estados da Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Norte, Marcotulio; Andrade; Moura; Lacerda; Gomes e Carneiro (2015) revelam algumas considerações sobre o comportamento das formas variantes de segunda pessoa do singular, no recorte temporal dos séculos XIX e XX. O *corpus* comum de análise para os três estados é constituído por cartas pessoais subdivididas em três subgêneros: *cartas de amor*, *cartas de amigo* e *cartas de família*. Os *corpora* foram extraídos do Projeto Para História do Português Brasileiro (PHPB). A análise referente ao estado da Bahia baseia-se em 383 cartas, encontradas *on-line*, na página eletrônica de documentos históricos do sertão (CE-DOHS) como parte do *corpus* compartilhado do PHPB-BA. No geral, as cartas constituem a escrita de pessoas ilustres, cultas e que viviam na região urbana com alto grau de escolaridade e letramento, e de pessoas semicultas de áreas rurais da Bahia.

Os resultados encontrados na amostra baiana revelam 838 dados de formas de tratamento referentes à segunda pessoa na posição de sujeito, entre formas preenchidas e não-preenchidas, distribuídas da seguinte maneira: 392 casos de *VOSSA EXCELENÇA* (47%), 30 casos de *VOSSA SENHORIA* (3%), 33 ocorrências de *O SENHOR* (4%), 8 casos de *VOSSA MERCÊ/VOSMECÊ* (1%), 343 casos de *VOCÊ* (41%), 26 ocorrências de *VÓS* (3%) e 6 casos de *TU* (1%). Nota-se, na amostra, uma polarização entre as formas *VOSSA EXCELENÇA* (47%) e *VOCÊ* (41%) com maior destaque no uso da forma de tratamento nominal em cartas equivalentes à segunda metade do século XIX (82%). Já o pronome *TU*, encontra-se apenas com singelas 6 ocorrências (1%) produtivas na categoria de sujeito não preenchido. Tais ocorrências foram detectadas em contexto de maior intimidade e solidariedade entre os

interlocutores (entre amigos e casais). *VOSSA MERCÊ* foi a terceira estratégia com índices baixos de frequência. A forma aparece em cartas do século XIX nas relações assimétricas ascendentes. O *VOCÊ* acende-se de modo repentino no século XX, mas com indicações de baixa frequência no século XIX. Entre os anos 1900-29 há um destaque significativo em sua produtividade, embora, no período de 1940-69 os índices de frequência sofram uma queda. Na última fase do século XX (1960-99), o *VOCÊ* atinge 100% de frequência de uso em todas as relações sociais.

Em um estudo diacrônico sobre a variação das formas de tratamento em 100 anos de produção escrita por pernambucanos residentes na capital (1869-1969), Gomes e Lopes (2016) postularam constatações importantes sobre o fenômeno na região Nordeste. Analisando cartas pessoais produzidas por escreventes ilustres e não-ilustres com alto nível de escolaridade, as autoras evidenciam que, no cômputo geral sobre as ocorrências de variação das formas pronominais *TU* e *VOCÊ* na função de sujeito, ao logo do tempo, há um universo produtivo de 343 dados, distribuídos da seguinte forma: 279 ocorrências relativas a *VOCÊ* (81%) contra 64 dados de *TU* (19%). Em linha cronológica, pôde-se evidenciar a competição das duas formas de tratamento a partir dos seguintes aspectos:

- I. Supremacia de *TU* (92%) em fins do século XIX (1870-1879);
- II. Predomínio de *VOCÊ* entre 1880-1900;
- III. Menor polaridade entre *TU* e *VOCÊ* em dois períodos da primeira metade do século XX: década de 1900-1910 e década de 1920-1929;
- IV. Generalização de *VOCÊ* a partir de 1930.

As autoras constataram que tal comportamento não difere do que foi encontrado em outras localidades do país sobre análise de documentação histórica compreendida no mesmo período. Sendo assim, tanto em Pernambuco quanto no Rio de Janeiro, por exemplo, há evidências do subsistema *VOCÊ~TU* como tratamento para a 2ª pessoa do singular (LOPES & RUMEU, 2015; SOUZA, 2012; LOPES & CAVALCANTE, 2011; MARCOTULIO, 2008).

Na amostra analisada, constatou-se que o *VOCÊ* ora marcava mais intimidade, ora funcionava como estratégia de respeito. No contexto das relações sociais, *TU* ocorre no eixo das relações simétricas mais íntimas entre amigos e entre casais, com índices mais elevados (41,7%) para a relação entre casais. Esses casos, segundo as autoras, foram alavancados pela presença de formas imperativas. Verificou-se também o predomínio de *VOCÊ* nas várias relações sociais controladas (assimétricas – simétricas) acima de 70% em grande maioria,

com exceção das relações entre casais. Tal fato confirma a hipótese de que a forma inovadora (*VOCÊ*) teve sempre um comportamento híbrido, o que pode ter facilitado a sua generalização.

Sobre o emprego do subsistema em linha cronológica distribuída no jogo das relações sociais estabelecidas entre os interlocutores, pôde-se constatar que, a partir de 1870, os índices de *TU* sofrem um declínio acentuado nas cartas destinadas a amigos: 18% em 1880; 24% em 1890; 0% em 1900 em diante. No final do século XIX e início do século XX (1900), o *TU* mostra-se presente nas cartas de filho para mãe (assimetria ascendente). Em 1920, uma ascendência de *TU* nas relações marcadas por maior intimidade (60%). No geral, evidencia-se que, a partir das décadas de 1930-40, a presença de *TU* tornou-se bastante rara ou quase inexistente nas cartas pernambucanas. Sendo assim, a forma inovadora *VOCÊ* assume o contexto discursivo-funcional de maior intimidade, próprio do pronome tradicional *TU*. Nesse período, então, constatamos uma mudança de comportamento no quadro pronominal com a difusão de *VOCÊ*.

1.1.3 O ambiente de realização do *TU~VOCÊ*

Alguns estudos (DUARTE, 1993; MENON, 1995; MARCOTULIO, 2008; MARCOTULIO, 2012; LOPES & RUMEU, 2015; LOPES & CAVALCANTE, 2011; GOMES & LOPES, 2016 e outros) evidenciam que a ambientação sintática favorável ao emprego do *VOCÊ* é a posição de sujeito devido a características herdadas da forma primária *Vossa Mercê*.

Até os fins do século XIX e início do século XX, o português brasileiro ainda era uma língua na qual havia grande ocorrência de sujeito não-preenchido. No entanto, a partir dos anos 30, a frequência de uso do preenchimento começou a suplantiar a realização não-preenchida (LOPES & CAVALCANTE, 2011, p.45).

De acordo com o estudo de Duarte (1993, *apud* LOPES E CAVALCANTE, 2011) sobre análise de textos de peças teatrais brasileiras, verificou-se que os índices percentuais de sujeito não-preenchido mostram-se significativos até os anos 50, embora as ocorrências comessem a reduzir a partir da década de 30, momento histórico em que o *VOCÊ* tornou-se mais produtivo que o *TU*.

No estudo realizado nas amostras de cartas cariocas, Lopes e Cavalcante (2011) evidenciam que o predomínio de *TU* sobre *VOCÊ* mantém-se alto até, pelo menos, os anos 40

do século XX. Nesse contexto, o pronome tradicional *TU* apresentava-se com, aproximadamente, 70% de frequência sobre o *VOCÊ* e a sua realização como sujeito não-preenchido atingia a frequência de 100% no início do século XX. Por outro lado, o emprego de *VOCÊ* apresenta-se preferencialmente em categoria preenchido. De acordo com as autoras, nas três últimas décadas do século XIX (1870-99) e na primeira do século XX (1900-09), as taxas de *VOCÊ* apresentavam-se pouco representativa (30%), evidenciando, assim, a supremacia de *TU* no período. Entre as décadas de 1910-19, observa-se um equilíbrio no uso das formas *VOCÊ* e *TU* com valores aproximados a 50%. A partir dos anos 1920, o *VOCÊ* destaca-se com maior número de produtividade na posição de sujeito (79%) e confirma o que Duarte (1993) apontou sobre o estudo em textos de peças de teatro. Em 1930-39, sobre análise em cartas de amor, detecta-se um decréscimo acentuado de *VOCÊ*, pois os escreventes optam por utilizar *TU* em suas epístolas.

Sobre as análises realizadas nas cartas de amor, as autoras, ressaltam um ponto importante relativo ao fator da concordância. Detectou-se, no *corpus* analisado, um número reduzido de dados de *TU* sem concordância. Tais resultados prévios do século XX, apresentam o que se configurará estruturalmente no século XXI, conforme descrito em Scherre (2009). Em suma, constata-se que o pronome *TU* era mais produtivo, principalmente como sujeito não preenchido. A partir da segunda década do século XX, nota-se um leve aumento do emprego de *VOCÊ* que passou a ocupar, paulatinamente os espaços funcionais de *TU*. Nos anos de 1930, percebe-se, que o pronome *TU* tornou-se produtivo também como sujeito preenchido ao lado do *VOCÊ*, como verificado em Lopes (2009) (LOPES & CAVALCANTE, 2011, p.49).

Diante das evidências diacrônicas, não diferentes das pesquisas empreendidas sobre o *TU* e o *VOCÊ*, a nossa investigação passa a considerar cinco hipóteses para análise do novo *corpus* de cartas rurais sertanejas pernambucanas, escritas por personalidades não-ilustres com nível de escolaridade relativamente baixo, a partir da segunda metade do século XX. São nossas hipóteses:

- 1) Existe na documentação remanescente da segunda metade do século XX (1956/58 – 1972/77), vestígios do subsistema de tratamento *VOCÊ~TU* detectado por Gomes e Lopes (2016) e Scherre *et al.* (2009, 2015 e 2018) para a região;
- 2) Pelo recorte temporal analisado, há nas correspondências grande predomínio de *VOCÊ* ocupando o mesmo contexto funcional de intimidade próprio do *TU*, embora, a forma tradicional ainda permaneça em uso;

- 3) Levando em conta o ambiente sintático, a forma *VOCÊ*, enquanto pronome-sujeito ocorre em categoria de realização preenchida. Em contrapartida, o *TU* é produtivo na categoria de sujeito não-preenchido.
- 4) Considerando os fatores de concordância S-V, há vestígios do subsistema de tratamento atual *TU~VOCÊ* com concordância média: *TU* < 60% como concordância de 10% a 69%.
- 5) Pressupõe-se que os dados apresentados pelas epístolas, estejam enquadrada na terceira grande fase histórica do comportamento variável de uso dos pronomes *TU~VOCÊ*;

Diante das hipóteses apontadas, este estudo tem por objetivo geral observar o nível de variação entre as duas formas pronominais do singular *TU~VOCÊ*, desempenhando a função sintático-semântica de sujeito, considerando as categorias de realização preenchida e não-preenchida, além da relação de concordância entre os elementos sintáticos sujeito-verbo (S-V) em cartas do subgênero amor, produzidas no período novecentistas em duas décadas específicas: 1956/58 e 1972/77. No próximo capítulo, apresentamos dados sobre a coleta das cartas sertanejas e os fatores de análise para a investigação dos pronomes *TU* e *VOCÊ*.

CAPÍTULO II

2. EM BUSCA DE VESTÍGIOS: ASPECTOS METODOLÓGICOS PARA ANÁLISE

Nesta seção, apresentamos os passos metodológicos adotados em duas fases distintas da pesquisa. Primeiramente, descrevemos os procedimentos de coleta e transcrição das cartas de amor produzidas por pernambucanos sertanejos. Em seguida, apresentamos, brevemente, os dados sociais dos escreventes das cartas e, por fim, descrevemos os fatores da análise linguística.

2.1 A constituição de um novo *corpus* de cartas pernambucanas

Com o intuito de contribuir com nossos dados sobre a variação dos pronomes pessoais *TU* e *VOCÊ*, no estado de Pernambuco, selecionamos uma amostra de textos constituída por 138 cartas, pertencentes ao subgênero *carta de amor*, compreendidas na segunda metade do século XX (1956/1958 e 1972/77).

As epístolas pertencem ao arquivo privado da Família Ramos, que residiu/reside na zona rural do interior do estado, mais especificamente na cidade de Triunfo. O *corpus* é composto por 22 cartas dos anos 50 e 116 cartas dos anos 70. Ressalta-se que este material foi coletado no âmbito do projeto de pesquisa intitulado *Banco Informatizado de Textos (BIT): a construção de um corpus de manuscritos e impressos pernambucanos do século XIX, XX e XXI*. Os textos reunidos estão disponibilizados na plataforma digital do Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco (LeDoc), coordenado pelo professor Cleber Ataíde.

Na realização da primeira fase deste processo de investigação, optou-se por seguir algumas instruções metodológicas da Sociolinguística Histórica e da Variacionista. Sendo assim, buscamos levantar o máximo de informações possíveis sobre os aspectos extralinguísticos dos escreventes e do contexto sociohistórico da produção dos documentos coletados. Para tanto, seguimos os seguintes procedimentos metodológicos:

1. busca por acervos de textos privados;
2. delimitação do material a ser analisado;
3. aplicação de questionário sociolinguístico ;
4. transcrição semidiplomática do *corpus*;

5. divulgação na plataforma digital.

No processo de transcrição das cartas, adotamos as normas semidiplomáticas sugeridas pelo projeto do Para História do Português Brasileiro. As normas que subsidiaram esse processo podem ser visualizadas no quadro, a seguir:

Quadro 3: Normas de transcrição do PHPB

SIMBOLO	SIGNIFICADOS
	A barra simples indica mudanças de linha
	A barra dupla indica novo parágrafo
[]	Acréscimo de letra ou palavra pelo editor
[[]]	Repetição
[espaço]	Espaço intercalar maior deixado pelo escrevente
[inint.]	Pequenos trechos não decifrados
[inint + n linha]	Trechos maiores não decifrados
[?]	Letras não decifradas
[ilegível]	Vocabulários ilegíveis por deterioração ou rasura
[ilegível + n linha]	Trechos ilegíveis por deterioração ou rasura
[.]	Letras ilegíveis por deterioração ou rasuras
<i>Ítálico</i>	Abreviação, exemplos: Sr; Sr ^a ; etc.
< ↑ >	Palavra ou frase escrita na entrelinha superior
< ↓ >	Palavra ou frase escrita na entrelinha inferior
< frase ou palavra >	Palavra ou frase escrita na margem superior ou inferior. Deve-se indicar a localização em nota de rodapé.

Fonte: disponível no site www.ledoc.com.br

A partir dos procedimentos adotados, conseguimos coletar e transcrever as 138 cartas de amor. Levantamos também as condições de produção e o contexto sociohistórico e cultural em que os textos foram produzidos, bem como a finalidade comunicativa, os temas abordados e a organização estrutural dessas epístolas. A seguir, na figura 1, apresentamos um modelo protótipo do *corpus* em formato *fac-símile*.

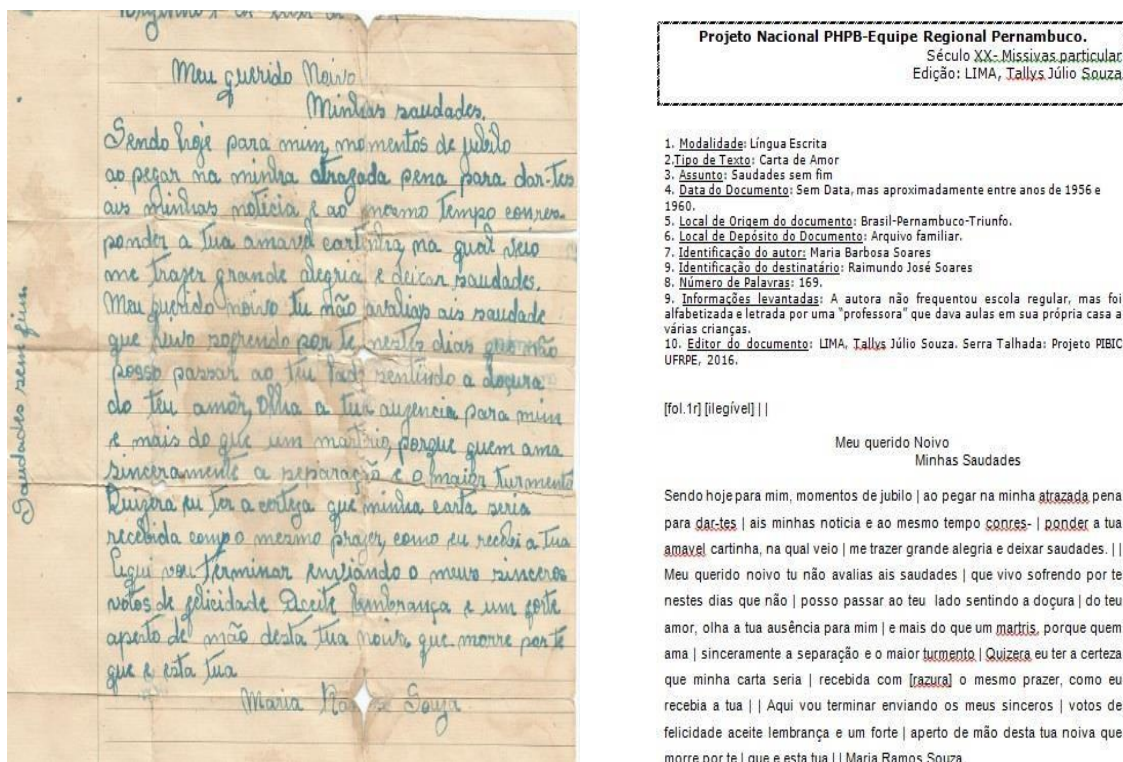


Figura 1: Carta de amor digitalizada e transcrita.

2.1.2 A Região

A primeira comunidade linguística explorada para coleta de material está localizada na mesorregião do alto sertão pernambucano, na microrregião do Pajeú, com cerca de 1.010m de altitude, no planalto da Borborema, inserida na bacia hidrográfica do Rio Pajeú. A cidade possui uma área de aproximadamente 191,516 km², com seu ponto culminante registrando em 1.260m de altitude, conhecido como Pico do Papagaio. Encontra-se a 355 km da capital do estado de Pernambuco, Recife, e tem uma população estimada de 15.221 habitantes, segundo o último censo do IBGE/2017.

O município de Triunfo, conhecido em fins do século XVIII como Serra da Baixa Verde, era inicialmente habitada por índios Cariris e foi arrendada por Domingos Pereira Pita, em tempos de colonização. A partir de junho de 1824, outros habitantes foram chegando à cidade, atraídos pelas ótimas condições do solo, fontes perenes e vegetação sempre verde.

O nome atual de Triunfo originou-se em comemoração as várias batalhas travadas entre a poderosa Família Campo Velho, da cidade de Flores, e os habitantes que faziam o povoado da Baixa Verde crescer cada vez mais. Em junho de 1870, um abaixo-assinado solicitado à Assembleia Provincial e ao Diocesano pedia a transformação do povoado em freguesia e, posteriormente, elevação à categoria de Vila. Em junho de 1884 através da Lei Provençial nº 1.805, foi criada a comarca de Triunfo e com isso a Vila da Baixa foi elevada à categoria de cidade.

As imagens a seguir ilustram alguns aspectos do município.

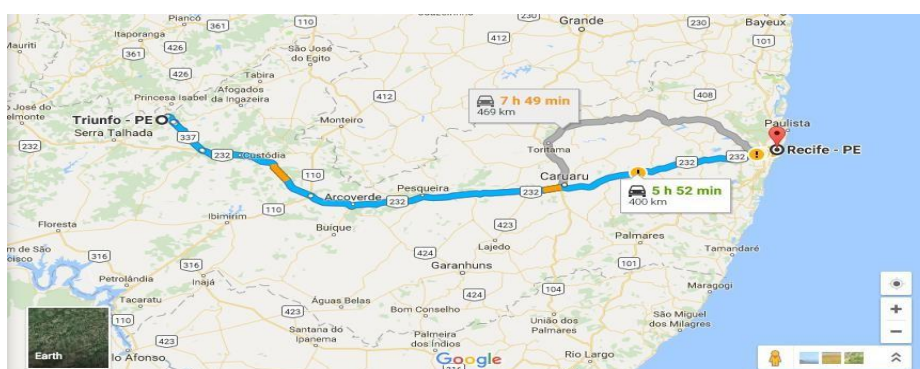


Figura 2: Localização geográfica do município



Figura 3: Município atualmente



Figura 4: Visão aérea do município



Figura 5: Ponto central da cidade

O primeiro acervo de textos encontrados pertence ao arquivo privado de uma família residente da zona rural do município: a Família Ramos.

Os gêneros textuais coletados estavam armazenados dentro de um baú e guardados por membros ainda vivos da família. O acervo de textos contém várias escrituras manuscritas datadas entre meados dos séculos XIX e XX; postais e recibos equivalentes a pagamentos de orações missas; cartas pessoais de diversos subgêneros; cadernos de anotações de dívidas; inventários; comprovantes de compra e venda de terras; jornais antigos, dentre outros ainda não catalogados.

A figura 6 apresenta os locais onde estavam arquivados os textos .



Figura 6: Baú encontrado na coleta

2.1.3 Os Escreventes

Por intermédio de um questionário sociolinguístico, utilizado por Almeida (2014), extraímos algumas informações sociais sobre os escreventes através dos concessores dos materiais. As cartas analisadas narram diferentes fases da história de amor dos dois casais de nordestinos não-ilustres.

No contexto dos anos 50, a primeira **Missivista Feminina (1)**(M.R.) nasceu na comunidade rural do sítio Brejinho, no dia 8 de Agosto do ano de 1940. Quando criança, foi alfabetizada no nível escolar de primeiras letras. Contudo, para o contexto sociocultural da época e da região, as pessoas que detivessem esse grau de instrução eram consideradas privilegiadas dentre as demais. Quando adulta, a missivista ocupou-se com atividades de costura e redação de testamentos e inventários de terras. No mais, era praticante veemente do catolicismo e dedicava-se à vida de esposa, doméstica e mãe. As cartas escritas por M.R. endereçavam-se ao **Missivista Masculino-Narrador (1)**(R.S.) Este nasceu na mesma comunidade que sua destinatária, no ano de 1935. Trabalhou como agricultor e tirador de trempe (funções designadas para quem trabalha em um dos processos de cozimento da rapadura) no engenho da família de sua amada. O missivista não possuiu nível de escolaridade, sendo assim suas cartas eram ditadas para um redator.

Nesse caso, estamos considerando a “escrita” das epístolas do remetente R.S. como *escrita delegada*, uma vez que o conteúdo empregado no texto é de autoria do sujeito R.S., embora a materialização da língua na modalidade de texto escrito seja realizada por um terceiro interlocutor.

O **Missivista Redator (1)**(T.Q.): ocupou o cargo de presidente do sindicato dos trabalhadores rurais do município de Triunfo-PE, trabalhou como cozinheiro de rapadura, agricultor e professor, apenas de homens. O referente missivista não tinha formação de nível superior para exercer a profissão docente, embora fosse considerado um dos grandes sábios daquela região, já que era um dos poucos letrados da sua época.

No contexto dos anos 70, temos a **Missivista Feminina (2)** (C.R.), que nasceu no dia 25 de outubro de 1952, no Sítio Brejinho, zona rural do município de Triunfo. Teve formação superior (1997) em Biologia com complementação em Matemática e atuou como professora por mais de 15 anos. Na infância, manteve contato contínuo com jornais, livros e demais suportes e gêneros textuais de natureza diversa que, segundo a informante, tornaram-na autodidata no processo de alfabetização. Em 1957, ingressou em uma escola pública regular, estabelecida em sua comunidade rural; frequentou a instituição até a 4ª série do ensino fundamental e, logo após esse período, cessou os estudos por cinco anos, retomando-os em 1969 no Colégio Stella Maris, no qual formou-se em magistério no ano de 1976. Segundo a

escrevente, o relacionamento afetivo com o destinatário de suas cartas teve início em 1º de janeiro de 1972 e se consolidou em casamento no dia 1º de julho de 1978.

O destinatário das cartas de C.R., **Missivista Masculino (2)**(J.G.): nasceu no dia 25 de abril do ano de 1954, no município de Floresta, interior do estado de Pernambuco. Residiu até os 17 anos no Sítio Fazenda Porção, zona rural de sua comunidade natal, na qual estudou da primeira à quarta série do ensino fundamental regular. Posteriormente, iniciou o curso supletivo, já no município de Triunfo (PE). Terminado o segundo ciclo de sua escolarização, deu continuidade aos seus estudos no Ensino Médio Regular (antigo 2º grau). Em meados desse período, mudou-se para a comunidade de Custódia (PE). Por lá, reiniciou seus estudos (Ensino Médio Supletivo) dando posterior continuidade na cidade de Arcoverde, agreste pernambucano. Já residindo neste município, ingressou na carreira militar e ficou impossibilitado de concluir o restante de sua escolarização.

2.2. Os Grupos de fatores de análise

Nesta seção, serão apresentados os pontos principais das teorias bases escolhidas para a análise do padrão comportamental dos pronomes de tratamento da 2P do discurso (*TU e VOCÊ*) em cartas de amor rurais do alto sertão pernambucano. Essas, por vez, foram produzidas no tempo real de curta duração a partir da segunda metade do século XX (1956/58 – 1972/77) por escreventes não-ilustres, como já informamos.

Para extrair o quântico geral dos dados sobre os dois períodos analisados, faremos uso do programa computacional *GoldVarb*. Nesse sentido, algumas transposições metodológicas da Teoria da Variação e Mudança Linguística, fundamentada por Weinreich, Labov e Herzog (1968) e da ramificação dessa Teoria, com perfil próprio de análise: Sociolinguística Histórica (CONDE SILVETRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY e CONDE SILVESTRE, 2012) serão consideradas em nosso estudo.

Para acompanhar o processo de variação de subsistema tratamental *VOCÊ e TU*, controlamos os fatores linguísticos: desempenho comportamental das formas em função sintático-semântica de sujeito; em categorias de realização preenchida e não-preenchida; e a relação dessas com o paradigma de concordância S-V (Sujeito-Verbo). Embora não apresentarmos uma análise dos fatores extralinguísticos como gênero e escolaridade, pretendemos detectar, em outra fase da pesquisa, detectar como a influência dos papéis sociais desempenhados pelos indivíduos, no eixo das relações simétricas solidárias entre casais,

podem favorecer (ou não) o emprego de determinada forma tratamental. No próximo capítulo, apresentamos os resultados da análise dos fatores linguísticos do fenômeno da variação de uso das formas *TU* e *VOCÊ* no corpus de nossa pesquisa.

CAPÍTULO III

3. A VARIAÇÃO TU~VOCÊ EM CARTAS DE AMOR SERTANEJAS

Nesta seção apresentaremos as análises empreendidas no *corpus* em duas subseções.

Na primeira subseção (3.1) expomos os resultados quantitativos extraído a partir de rodagens realizadas no programa computacional *GoldVarb*. Em seguida, na subseção 3.2, expomos um gráfico comparativo sobre a produtividade das formas variantes *TU* e *VOCÊ* nos dois períodos analisados: anos 50 e 70. Para esta última ação, controlamos os fatores posição de sujeito e realização das formas em categorias preenchida e não-preenchida.

3.1 As ocorrências das formas tratamentais *TU* e *VOCÊ* em cartas de amor sertanejas

Revisando alguns estudos sobre o tema (LOPES; MACHADO, 2005; LOPES *et al.*, 2009; RUMEU; 2008; MARCOTULIO, 2008), realizado sem cartas pessoais produzidas no Brasil, entre os séculos XIX e XX, evidenciamos que a implementação da forma de tratamento *VOCÊ* ocorreu com maior influência em algumas ambientações sintáticas do que em outras. Entre os séculos XIX e XX, já era possível observar esses ambientes de maior e menor funcionalidade. Enquanto pronome pessoal de segunda pessoa, o *VOCÊ* instaurou-se preferencialmente como sujeito em categoria preenchida, ainda que hajam outras ambientações sintáticas que se mostrem favoráveis à funcionalidade da forma como, por exemplo, complemento preposicionado e imperativo subjuntivo (MARCOTULIO; LOPES e RUMEU, 2011).

Partindo desses resultados, esta análise ora apresentada buscou investigar o comportamento variável dos pronomes de tratamento *TU* e *VOCÊ* em cartas de amor sertanejas, compreendidas nos anos 50 e 70, controlando os seguintes fatores intralinguísticos: posição sintática de sujeito, categoria preenchida e não preenchida das formas e a relação de concordância sujeito-verbo (S-V). Para a descrição dos resultados, dividimos a análise em quatro fases subsequentes. Primeiramente, levantamos o cômputo geral de ocorrências das formas pronominais na posição sintática de sujeito nas duas décadas do século XX. Em seguida, observamos o comportamento dos pronomes nas categorias preenchidas e não-preenchidas de sujeito. Na terceira fase, controlamos o fator de concordância S-V e, por fim, realizamos uma análise comparativa entre as duas décadas observadas, levando em consideração a amostra de dados sobre a posição sintática de sujeito e a realização das formas

preenchida e não preenchida. Ressaltamos que as análises aqui empreendidas ainda detêm caráter preliminar, pois pretende-se incorporar a este estudo dados extraídos de cartas redigidas no contexto dos anos 90.

No cômputo geral das ocorrências de *TU* e *VOCÊ* na posição sintática de sujeito, em meados dos anos 50, obtivemos os seguintes resultados:

Quadro 4: Ocorrências gerais dos anos 50

Formas de tratamento na posição de sujeito	Ocorrências	%
TU	38/77	49,4%
VOCÊ	39/77	50,6%
Total:	77	100%

Fonte: o autor

As formas variantes apresentaram-se num universo total de 77 dados. A funcionalidade de ambas no subsistema de tratamento *Você/Tu* aparece praticamente proporcional. Embora o pronome inovador (*VOCÊ*) apresente-se com uma ocorrência a mais (39), a forma canônica *TU* resiste equiparada com praticamente a mesma quantidade de ocorrência (38). Os exemplos (1) e (2) ilustram alguns casos.

- (1) “[...] tua simpatia me domina feliz me consi- | dero somente em ti amar apesar das | minhas fraquesas, mais isto é natural | [fól. 1v] que o amôr não olha nada, olha so- | mente a firmesae *sabendo que você não / me ama, não me considera, e somente / por fingimento, tudo isto sucede.* Nada | mais onde se aproxima de mim as gran- | des [recordação]com meu aperto de mão | de tar sempre esquecido [...]” (CA_M_1956 – LeDoc)
- (2) “[...] Maria o | que lhe contaram de mim é uma | desvalada mentira porque no meu | coração não há mais vaga para ou= | traio *vacuo que tinha no meu cora | çãotú<↑só> foi capaz de preencher; tú / somente és a dona do meu coração | e merecedora do meu amor porque / eu te amo com toda sinceridade.* | | Aqui termino com muitas lembran= | ças para ti. Eu que te amo de verdade [...]” (CA_M_1957 – LeDoc)

Observando mais criteriosamente os excertos acima, notamos também a equivalência funcional das duas formas de tratamento *TU* e *VOCÊ* através da mistura paradigmática no emprego dos pronomes correlatos: possessivo e oblíquos. No excerto (3), nota-se o uso de *VOCÊ* como pronome-sujeito e a incidência dos pronomes oblíquo tônico e do possessivo (ti e tua) relacionados à forma canônica *TU*. Em (4), observamos o caso inverso, enquanto *TU* é empregado como pronome-sujeito, há incidência do paradigma de 3P (lhe – pronome átono). Outro fator interessante a ser destacado é o uso variável das marcas de concordância entre o pronome-sujeito *TU* e o verbo com marcação de desinência em 2P e 3P.

- (3) “[...] **tua** simpatia me domina feliz me consi- | dero somente em **ti** amar apesar das | minhas fraquesas, mais isto é natural | [fol. 1v] que o amõr não olha nada, olha so- | mente a firmesae sabendo que **você** não | me ama, não me considera, e somente | por fingimento, tudo isto sucede. Nada | mais onde se aproxima de mim as gran- | des [recordação]com meu aperto de mão | de tar sempre esquecido [...]” (CA_M_1956 – LeDoc)
- (4) “[...] Maria o | que **lhe** contaram de mim é uma | desvalada mentira porque no meu | coração não há mais vaga para ou= | tra o vacuo que tinha no meu cora | çãotú<↑só> foi capaz de preencher; **tú** | somente és a dona do meu coração | e merecedõra do meu amor porque | eu **te** amo com toda sinceridade. | | Aqui termino com muitas lembran= | ças para **ti**. Eu que te amo de verdade [...]” (CA_M_1957 – LeDoc)

Na década de 70, encontramos três variantes para a segunda pessoa do discurso nas cartas sertanejas: *VOCÊ*, *OCÊ* e *TU* no universo de 740 dados. A ocorrência da forma *OCÊ* pode ser considerada uma peculiaridade na região, uma vez que a visão de conjunto proposta por Sherreet *al.* (2009; 2015; 2018) retrata a realidade linguística da forma *OCÊ* típica de localidades que utilizem o subsistema de tratamento só-*Você*. O quadro 3, a seguir, expõe o percentual de ocorrências de cada variante encontrada.

Quadro 5: Ocorrências gerais dos anos 70

Formas de tratamento na posição de sujeito	Ocorrências	%
<i>TU</i>	153/740	20,7%
<i>VOCÊ</i>	586/740	79,2%
<i>OCÊ</i>	1/740	0,1%
Total	740	100%

Fonte: o autor

No geral, evidenciamos a superioridade de uso do pronome-sujeito *VOCÊ*, com 79,2% das ocorrências (586 dados), seguido pela forma *TU* com 153 ocorrências, o equivalente a 20,7% e apenas (0,1%) de ocorrência da variante reduzida *OCÊ*. Os excertos (3), (4) e (5) ilustram alguns desses casos.

- (5) “[...] Sei que a falta | de portador não foi, porque *tive notícia que você veio em / Triunfo a semana passada*. Também *estou certa que você recebeu / uma carta minha não recebeu?* (CA_F_1972 – LeDoc)
- (6) “[...] Olha João o que leva-me a| escrever-te é justamente isto, pois eu queria muito que **tu continuasse/ como eras antes**; um homem, Homem de verdade e não se deixar-se| levar pela cabeças de colegas. O homem que não zela pela sua moral| ou melhor que não tem fossas morais ele não é homem, pois não| passa de um animal [...]” (CA_F_1975 – LeDoc)
- (7) “[...] Uma novidade; Dona Lia andou aqui e trouxe| um queijo para mim, *desta vez ocê perdeu*. Estava ótimo!| Mariinha veio com Calinda sexta feira; ainda está aqui [...]” (CA_F_1975 – LeDoc)

A seguir, apresentamos os dados referentes aos ambientes sintáticos de realização das formas *TU* e *VOCÊ*.

3.2 A ambientação sintática das formas TU e VOCÊ no corpus

Duarte (1993), Menon (1995), Lopes e Cavalcante (2011), Lopes e Romeu (2015) e Gomes e Lopes (2016) evidenciam que a ambientação sintática favorável ao emprego do *VOCÊ* é a posição de sujeito devido a características herdadas da forma primária *Vossa Mercê*. Até os fins do século XIX e início do século XX, o português brasileiro ainda era uma língua na qual havia grande ocorrência de sujeito não-preenchido. No entanto, a partir dos anos 30, a frequência de uso do preenchimento começou a suplantiar a realização não-preenchida (LOPES & CAVALCANTE, 2011, p.45). No contexto das cartas sertanejas, no que diz respeito às categorias de sujeito preenchido e não-preenchido, constatamos as seguintes evidências para as cartas dos anos 50:

Quadro 6: A categoria de sujeito preenchido e não-preenchido nos anos 50

Variável intralinguística	VOCÊ	TU	TOTAL
Sujeito preenchido	25/39 (64,1%)	34/38 (89,5%)	59/77 (76,6%)
Sujeito não-preenchido	14/39 (35,9%)	4/38 (10,5%)	18/77 (23,4%)
TOTAL	39/77	38/77	77 (100%)

Fonte: o autor

É possível observar, no quadro 6, que ambas as formas de tratamento mostram-se mais produtivas na categoria de sujeito preenchido. No universo particular do pronome-sujeito *VOCÊ*, percebemos a preferência de 64,1% das ocorrências para a forma preenchida. O *TU*, por vez, mantém-se resistente na mesma posição, apresentando-se com 89,5% das ocorrências. Os exemplos (6) e (7) expõem alguns casos.

- (6) Maria no dia santo de quinta- |feira, eu não procurei falar | com você porque *você estava* | *com Luiz e Regina senti acan-* | *hamentoprocurar* conversar | com você diante deles. Mas é | verdade que ninguém ama | sem sofrer e quanto mais | forte o amor maior é o sofrimen= | to. *Maria se tú me amas de verdade responde esta carta* | que para mim será motivo | de grande alegria. || Assino com [[com]] amor e | saudade de ti. || Raimundo José Soares || Brejinho 29 de. 6-57. (CA_M_1957 – LeDoc)
- (7) “[...] As palavras que seguem fo= | ram ditadas por um coração que te | ama com um amor puro decidido | e leal. *Maria eu observei nas pala=* | *vras que Ømandastes dizer na carta* | *que tu ainda duvidas do meu amor* | *mas você não tem rasão de assim* | *se expressar* porque eu lhe amo com | toda sinceridade e para mim, *digo* | *sem hipocrisia só existe você*[...]” (CA_M_SD – LeDoc)

Em (7), observamos um comportamento interessante do subsistema *VOCÊ/TU*. Há três contextos funcionais interligados para a segunda pessoa do singular. Numa mesma sequência enunciativa, a forma *TU* aparece, primeiramente, na categoria de sujeito não-preenchido, em seguida, ressurge empoderada na categoria preenchida e, por fim, o escrevente adere ao emprego da forma inovadora *VOCÊ* preenchida. Em (6), nota-se o uso do subsistema *VOCÊ/TU*, no qual ambas as formas são marcadas com seus respectivos parâmetros de

concordância em categoria preenchida. Salienta-se, também, a funcionalidade de *VOCÊ* enquanto complemento preposicionado.

No levantamento de dados das cartas dos anos 70, obtivemos as seguintes constatações sobre o preenchimento ou não do sujeito:

Quadro 7: A posição de sujeito preenchido e não-preenchido 70

Variável intralinguística	VOCÊ	TU	OCÊ	TOTAL
Sujeito preenchido	310/586 (52,9%)	5/153 (3,7%)	1/740 (0,1%)	316/740 (42,7%)
Sujeito não-preenchido	276/586 (47,1%)	148/153 (96,3%)	0/740 (0,0%)	424/740 (57,3%)
TOTAL	586/740	153/740	1/740 (100%)	740 (100%)

Fonte: o autor

A partir do quadro 7, nota-se que a forma *VOCÊ* mante-se preferencialmente produtiva em categoria preenchida com 52,9% dos casos, o equivalente a 310 ocorrências. Enquanto isso, há um declínio de produtividade do *TU* nesse contexto. Consta-se 3,7% das ocorrências, o que equivale a 5 casos num total de 153. Em contrapartida, a forma canônica resiste no subsistema enquanto categoria não-preenchida com 148 casos num universo de 153 ocorrências (96,3%). O não preenchimento da categoria revela a resistência do *TU* na desinência verbal. Já a variante *OCÊ* (com já se esperava) apresenta-se em categoria preenchida. Os excertos (8), (9) e (10), ilustram tais evidências, respectivamente.

- (8) “[...] Querida *desde o dia que você foi embora nunca / masesquesi* um só memento de você ja | gostava muito de você mas agôra posso dizer | que amo uma linda morena[...]” (CA_M_1972 – LeDoc)
- (9) “[...]Teca~~está um~~ esteve um pouco nervosa esta semana | e neste momento eu vou olhá-la no sítio. *Como sabes eu me preocupo / sempre com os outros*; principalmente quando estes me são queridos [...]” (CA_F_1974 – LeDoc)
- (10) “[...] Uma novidade; Dona Lia andou aquí e trouxe| um queijo para mim, *desta vez ocê perdeu*. Estava ótimo!| Mariinha veio com Calinda sexta feira; ainda está aqui [...]” (CA_F_1975 – LeDoc)

Sobre o fator concordância na relação sintática S-V, extraímos as seguintes ocorrências dos anos 50:

Quadro 8: Fator de concordância anos 50

Paradigma de concordância S-V	Número de ocorrências	Relatividade percentual
Tu-2P	29 ocorrências	37,7%
Tu-3P	9 ocorrências	11,7%
Você-2P	0 ocorrência	0%
Você-3P	39 ocorrências	50,6%
TOTAL	77 ocorrência	100%

Fonte: o autor

No contexto dos anos 50, constatamos o emprego de três padrões de concordância nas cartas sertanejas. Majoritariamente, destaca-se o uso pronome-sujeito *VOCÊ* com parâmetro de concordância original em 3P do singular. Já o pronome-sujeito *TU* revela-se funcional em dois contextos: *TU* com concordância em 2P e *TU* com concordância em 3P. Os exemplos (11) e (12) ilustram algumas ocorrências.

(11) “[...] *Se você tiver / amisa de a mim, o tenha paciência, que / eu de agora por diante vou* trabalhar | pra esse fim. Aqui <↑termino> pra não ti aborrecer | solicitando resposta <↑breve>subscreevo atenciosa- | mente a seu dimirador que tanto ti ama | que é, Raimundo José Soares [...]” (CA_M_1958 – LeDoc)

(12) “[...] Ama | porque na realidade o amor que eu con<=> | sagro a *tua pessoa* é igual amo-te com | cinseridade e firmeza porque no meu | coração não há ~~vaga~~ lugar para outra | *tú unicamente tú és digna do meu / amor tú és aquela que faz a minha / felicidade* e esta felicidade só estará | completa quando ~~um~~ dia nos [espaço] | acharmos unidos pelos laços matrimo<=> | niaes [...]” (CA_M_1957 – LeDoc)

Em (11), nota-se o comportamento de *VOCÊ* com o padrão de concordância em 3P. No excerto (12) tem-se o comportamento paradigmático “atípico” do pronome *TU* e, em (12), percebemos o uso de concordância padronizada para o pronome canônico de segunda pessoa do singular. Nesse excerto observamos, também, a incidência peculiar de uma fórmula de tratamento variante constituída por base pronominal-nominal³: tua pessoa.

Controlando o paradigma de concordância S-V, nas cartas dos 70, constatamos que, embora a forma inovadora *VOCÊ* fosse significativamente produtiva com o parâmetro original de 3P (79%), há algumas evidências dessa com marcação de concordância em 2P (0,52%).

³Detectamos outra ocorrência dessa locução nominal empregada como *Vossa Pessoa*. Estamos, inicialmente, trabalhando na hipótese de que essa forma mantém uma relação de origem com a forma antecedente cerimoniosa *Vossa Mercê*, devido a sua fórmula composicional de pronome possessivo + substantivo + verbo em 3P (MENON, 1995).

Quadro 9: Fator de concordância dos anos 70

Paradigma de concordância S-V	Número de ocorrência	Relatividade percentual
Tu-2P	147 ocorrências	19,9%
Tu-3P	4 ocorrências	0,58%
Você-2P	3 ocorrência	0,52%
Você-3P	39 ocorrências	79%
TOTAL	740 ocorrência	100%

Fonte: o autor

Nesse contexto analisado, a forma canônica *TU* mostrou-se produtiva com a mesma relação paradigmática mista que o *VOCÊ*. Detectamos 4 ocorrência de *TU* em concordância com a 3P e 147 ocorrências (19,9%) em concordância original com a 2P. Os excertos (14), (15), (16) e (17), a seguir, ilustram os casos detectados.

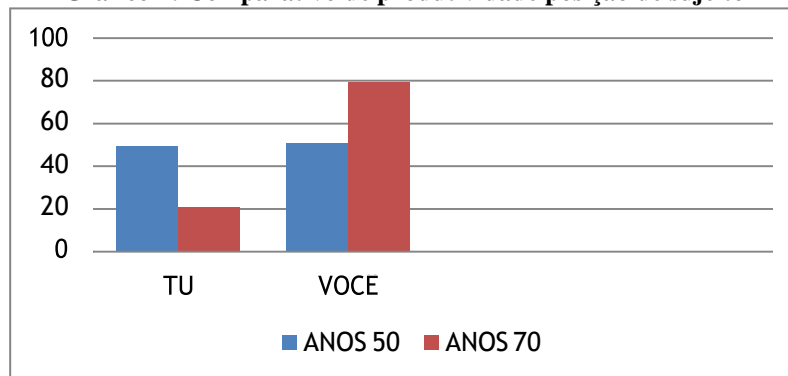
- (14) “[...] Ø Olhe | não tenho nem palavras para agradecer-te. Não sei mesmo, *qual o / motivo para você fazer assim*. Quando nos encontrarmos conversarei | melhor; pois agora não sei, nem me expressar [...]” (CA_F_1972 – LeDoc)
- (15) “[...] como | você estava tão ansiosa pra mim ir passar com você | *mas não falta tempo pra mim ir este mes eu vou / depois do dia 20 eu estoarei pela ir é o tempo que você / tens chegado de São Sarafins* (CA_M_1975 – LeDoc)
- (16) “[...] Olha João o que leva-me a| escrever-te é justamente isto, pois eu queria muito que *tu continuasse/ como eras antes*; um homem, Homem de verdade e não se deixar-se| levar pela cabeças de colegas. O homem que não zela pela sua moral| ou melhor que não tem fossas morais ele não é homem, pois não| passa de um animal [...]” (CA_F_1975 – LeDoc)
- (17) “[...] Meu amor, desculpe os erros é porque eu estou um | pouco preocupada. Teca ~~está um~~ esteve um pouco nervosa esta semana | e neste momento eu vou olhá-la no sítio. *Como sabes eu me preocupo / sempre com os outros*; principalmente quando estes me são queridos [...]” (CA_F_1974 – LeDoc).

Com relação ao paradigma de concordância, evidenciamos que, na zona rural do interior pernambucano, há produtividade do subsistema de tratamento: *TU/VOCÊ* com concordância média; *TU* < 60% com concordância entre 10% e 39% (SCHERRE *et al.* 2009; 2015; 2018) ou subsistema *VOCÊ/TU* nos termos de Lopes e Cavalcante (2011). Ressaltamos, também, que a forma canônica *TU* apresenta um paradigma de concordância misto com a 2P e com a 3P.

3.3 Análise comparativa entre as décadas 50 e 70

Buscamos estabelecer uma análise comparativa do perfil comportamental das formas variantes (*TU~VOCÊ*) em posição sintática de sujeito e nas categorias preenchida e não-preenchida a partir dos dados obtidos sobre os contextos históricos analisados (anos 50 e 70). O gráfico, a seguir, ilustra as ocorrências das formas em posição de sujeito.

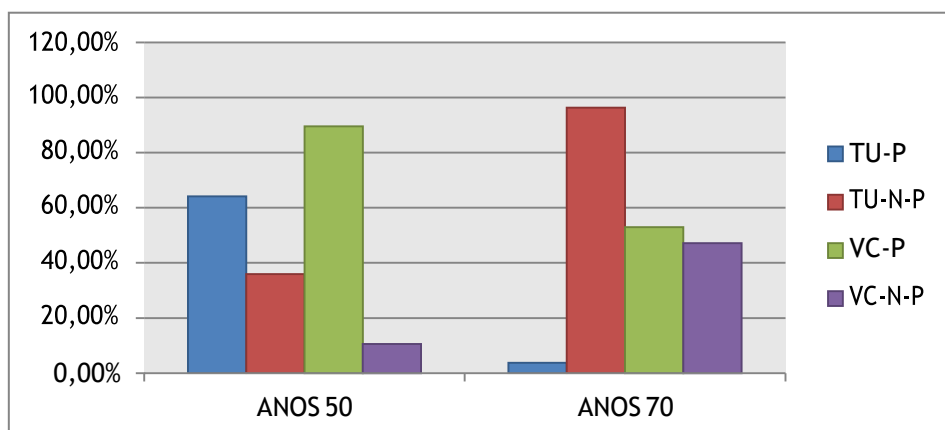
Gráfico 1: Comparativo de produtividade posição de sujeito



Na comparação dos dados obtidos, conseguimos observar o aumento gradativo da preferência de uso do *VOCÊ* como pronome de 2ª pessoa do singular ao decorrer dos anos. A forma inovadora, nos anos 50, concorre proporcionalmente com o *TU* e, nos anos 70, ocupada o espaço do pronome tradicional com 79,2% das ocorrências no geral. Na contramão do acréscimo, observamos o declínio de *TU*, chegando a marcar 20,7% de ocorrência nos anos 70.

Com relação ao preenchimento e não-preenchimento da categoria do sujeito, obtivemos os seguintes resultados:

Gráfico 2: Comparativo entre categorias preenchida (-P) e não preenchida (-N-P)



Nota-se que na categoria não-preenchida, o *VOCÊ* apresenta um aumento ao longo dos anos, embora seu maior percentual de frequência mantenha-se enquanto categoria preenchida

nos dois períodos analisados. O *TU*, em contrapartida, acaba perdendo espaço funcional como forma preenchida e destaca-se preferencialmente em forma de desinência verbal (não-preenchido), nos anos 70.

Em suma, evidenciamos que, no contexto sócio-histórico dos anos 70, podemos constatar uma elevada preferência dos missivistas pela forma inovadora *VOCÊ* como pronome pessoal de 2P do singular. Em contrapartida, *TU* evidencia-se mais em categoria não-preenchida. Diante desses dados, acreditamos, em consonância com Lopes, Rumeu e Marcotulio (2011), que essa distribuição complementar de *TU* não-preenchido *versus* *VOCÊ* preenchido dá indícios das mudanças linguísticas que vão se efetivar no quadro pronominal do português brasileiro na posição de sujeito. Quanto à relação de concordância S-V, verificamos a existência e a produtividade do subsistema de tratamento *VOCÊ/TU*, na zona rural do estado de Pernambuco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao traçar o perfil das formas de tratamento *TU-VOCÊ* nas cartas sertanejas rurais pernambucanas, produzidas por escreventes não-ilustres, na segunda metade do século XX (1956/58 e 1972/77), conseguimos incorporar, ao mapeamento Sociolinguístico-Histórico das formas de tratamentos, novos dados e uma nova amostra de textos sobre o passado linguístico do português brasileiro, na região rural do estado de Pernambuco.

Na análise quantitativa sobre a variação dos pronomes de tratamento *TU* e *VOCÊ* na posição sintática de sujeito, encontramos algumas peculiaridades na documentação sertaneja. Primeiramente, evidenciamos, numa perspectiva diacrônica, o uso do subsistema de tratamento *Você/Tu* (LOPES E CAVALCANTE, 2011). E, levando em consideração o paradigma de concordância, podemos evidenciar que, na documentação remanescente ao período analisado, já havia vestígio do atual subsistema de tratamento empregado no estado de Pernambuco: uso de *Tu/Você* com nível de concordância média (SCHERRE *et al.*, 2009; 2015 e 2018).

Outro aspecto observado refere-se ao contraste das evidências cronológicas apresentadas por Gomes e Lopes (2016) sobre o emprego de *TU* e *VOCÊ* em documentação oriunda da região metropolitana do Recife (capital do estado). Segundo as autoras, haveria uma generalização de uso do *VOCÊ* a partir de 1930. No entanto, constatamos que, na zona rural do estado, ainda nos anos 50, havia uma coexistência proporcional entre as formas variantes *TU/VOCÊ* e posteriormente, nos anos 70, a forma inovadora *VOCÊ* passa a ganhar espaço no mesmo contexto funcional do *TU*.

Com relação à produtividade das formas em categoria preenchida e não-preenchida, evidenciamos que, nos anos 50, tanto o *TU* quanto o *VOCÊ* destacaram-se na função sintática de sujeito como categoria preenchida. Já nos anos 70, notamos maior preferência pela forma inovadora *VOCÊ* em categoria preenchida. Em contrapartida, *TU* destaca-se em categoria não-preenchida. Tal comportamento pode indicar um período de mudanças no sistema pronominal.

Com relação ao paradigma de concordância S-V e a funcionalidade das formas de tratamento em posição de sujeito, identificamos que, nos anos 50, o *TU* aparece com maior produtividade em concordância com a 2P, embora se mostre funcional com o paradigma de 3P também. Nesse contexto temporal, o *VOCÊ* aparece unicamente concordando com a 3P. Nos anos 70, constatamos que, tanto *TU* quanto *VOCÊ* mostram

funcionalidade com paradigma de concordância misto (*TU* com 2º e 3º pessoa e *VOCÊ* com 2º e 3º pessoas).

Cronologicamente, evidenciamos que por haver, no *corpus* sertanejo dos anos 50, uma coexistência equivalente entre as duas formas pronominais como estratégia de referência à segunda pessoa do singular, há uma similaridade nesse período com a segunda grande fase histórica (1900-1929), proposta por Souza (2012), perante comportamento variável das formas de tratamento *TU* e *VOCÊ*. Embora, de acordo com os dados levantados sobre os anos 70, comprove-se a existência da terceira fase histórica (1930-1989), na qual já se encontrava um predomínio da forma inovadora *VOCÊ* em relação ao canônico *TU*, na zona rural do interior do estado de Pernambuco.

É importante ressaltar que os dados aqui descritos são preliminares, uma vez que pretendemos incorporar a este estudo os levantamos quantitativos referentes aos anos 90 e, posteriormente, complementar a análise aplicando o conceito de Tradição Discursiva - TD (KABATEK, 2006) e a dicotomia do poder e solidariedade idealizada por Brown & Gilman (1960).

REFERÊNCIAS

- BATISTA, P. S. E. T; CARNEIRO, Z. O. N; LACERDA, M. F. O. **A variação tu/você em relações de solidariedade: análise de uma documentação baiana epistolar do século XX.** Disponível em <file:///C:/Users/usu%C3%A1rio/Downloads/223-733-1-PB.pdf>
- BARBOSA, A.; LOPES, C. R. dos S.; CALLOU, D. Organização dos corpora diacrônico do PHPB-RJ na rede mundial de computadores. In: DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia&Callou, Dinah, (Org.) et alii. **Para História do Português Brasileiro – Notícias de corpora e outros estudos.** Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ/FAPERJ, 2002. p.29-37.
- BROWN, P; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEOK, T. **Style in Language.** Cambridge-Mass: MIT Press, 1960.
- CINTRA, Luiz F. Lindley. **Sobre formas de tratamento na língua portuguesa.** Lisboa: Livros Horizontes, 1972.
- COSTA, E. C. C da. **Variação diacronia e tradição: uma análise do TU~VOCÊ na posição de sujeito em cartas de Pernambuco.** Recife: UFRPE, 2017.
- DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. IN: ROBERTS, I.; KATO, M. (Org.). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica.** Campinas: Ed. UNICAMP, 1993
- FARACO, Carlos A. **O tratamento você em português: uma abordagem histórica.** 13. Ed. Curitiba: UFPR, 1996, p. 51-82.
- GOMES, V. S.; LOPES, C. R. dos S. Formas Tratamentais em cartas escritas em Pernambuco (1869-1969): Tradição Discursiva e sociopragmática. **Relin**, n°21 Minas Gerais: Periódico em letras UFMG, 2016.
- GOMES da S., Aldeir; GOMES S., Valéria. **Correspondência entre amigos Pernambucanos da primeira metade do século XX: Tradição Discursiva e ensino.** 25f. Artigo, UFRPE e UFPE, Revista GELNE, 2016. Vol:18. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/11201>>. Acesso em: 12 dez. 2016.
- GONÇALVES, C. R. De Vossa Mercê a Cê: Caminhos, percursos e trilhas. **Caderno do CNPF**, Vol. XIV, N°4, t.3. PUC: Minas Gerais, 2010.
- GYULAI, E.; BIZARRO, R. **Abordagem das formas de tratamento nas aulas de Português língua Segunda/Língua estrangeira.** Porto: U.Porto, 2011
- LOPES, C. R dos S; RUMEU, M. C. B e MARCOTULIO, L. L. A variação VOCÊ e TU a partir do século XIX: o estado da questão. **Historia del português**, XVI congresso internacional de la ALFAL – ALCALÁ 2011. P-3. P.3607-3616.
- LOPES, C. R. dos S.; RUMEU, M. C. de B.; MARCOTULIO, L. L. O tratamento em bilhetes amorosos no início do século XX. In: **As formas de tratamento em português e em**

espanhol: Variação mudança e função conversacional. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2011. P. 315-349.

LOPES, C. R. dos S.; CAVALCANTE, S. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. **Revista Linguística**, Madrid, v. 25, p. 30-65, 2011.

LOPES, C. R. dos S.; RUMEU, M. C. de B. A difusão do você pelas estruturas sociais cariocas e mineiras do século XIX e XX. **Laborhistórico**, Rio de Janeiro, Vol. 1, Nº 1, p. 12-25, 2015.

LOPES, C. R. dos S.; RUMEU, M. C. de B. A difusão do você pelas estruturas sociais cariocas e mineiras do século XIX e XX. **Laborhistórico**, Rio de Janeiro, Vol. 1, Nº 1, p. 26-48, 2015.

LOPES, C. R. dos S. et al. A reorganização do sistema pronominal de 2º pessoa na história de português brasileiro: a posição de sujeito. In: ANDRADE, A. de; LOPES, C. R. dos S.; CASTILHO, A. T. de (Org). **História do português brasileiro mudanças sintática das classes de palavras: perspectiva funcionalista.** Edº 1, São Paulo: Contexto, 2018. Cap. 1, p. 26-141.

_____; CAVALCANTE, S. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. **Revista Linguísticas**: Madrid, v. 25, p. 30-65, 2011. Disponível em: <http://www.linguisticalfal.org/25_linguistica_030_065.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2015

MENON, Odete P. S. A história de você. In: GUEDES, Marymárcia, BERLINCK, Rosane de Andrade. MURAKAWA, Clotilde Almeida de Azevedo (Orgs.). **Teoria e análise linguística: novas trilhas.** Araraquara: UNESP, 2006, p. 99-160.

MENÓN, Odete P. S. O sistema pronominal do português do Brasil. **Letras**, Curitiba: Ed. da UFPR, n. 44, p. 91-106, 1995.

MENÓN, Odete P. S. A história de você. In: GUEDES, Marymárcia, BERLINCK, Rosane de Andrade. MURAKAWA, Clotilde Almeida de Azevedo (Orgs.). **Teoria e análise linguística: novas trilhas.** Araraquara: UNESP, 2006, p. 99-160.

MARCOTULIO, L. L. **Língua e História: o 2 marquês do Lavradio e as estratégias linguísticas da escrita no Brasil Colonial.** v. 1. Rio de Janeiro: Ítaca Comunicações, 2010.

SAID ALI, Manuel. De “eu” e “tu” a majestade: tratamento de familiaridade e reverência. In: **Revista da Cultura**, 129. Rio de Janeiro, 1937, v. 5, p. 275.

SANTOS, R. L de A.; VITÓRIO, E. G de S. L. A. Teoria da variação e Mudança Linguística. In: COSTA, J. F. da., SANTOS, R. L. de A.; VITÓRIO, E. G. de S. L. A. **Variação e mudança linguística no estado de alagoas.** – Maceió: EDUFAL, 2011.

SILVA, R. V. M. e. **Caminhos da linguística histórica-** „ouvir o inaudível. São Paulo: Parábola, 2008.

SOUZA, J. P. F. de. **Mapeando a entrada do você no quadro pronominal:** análise de cartas familiares dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

SCHERRE *et al.* Usos dos pronomes “você” e “tu” no português brasileiro. In: **II SIMELP,** Universidade de Évora, 2009.

APÊNDICE A- TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA

Pelo presente termo de autorização para uso de entrevista,

_____, _____,
nome nacionalidade
_____, portador de carteira de identidade RG _____ estado
civil

e CPF _____, residente e domiciliado (a) à _____

_____,
Nº _____, na cidade de _____, UF _____, autoriza
expressamente a utilização de sua entrevista no projeto de pesquisa intitulado: *Banco Informatizado de Textos (BIT): a constituição de um corpus de manuscritos e impressos pernambucanos do século XVIII, XIX e XX* e em outras publicações dele decorrentes.

Pela presente permissão de uso, conforme discriminado nas condições acima referidas, não será pago qualquer valor em moeda corrente ou produtos, dando plena e irrevogável quitação das obrigações assumidas pelo projeto de pesquisa.

A presente autorização de uso abrange, exclusivamente, a concessão de uso da entrevista para os fins aqui estabelecidos, e qualquer outra forma de utilização deverá ser previamente autorizada para tanto.

_____, _____ de _____ de _____

Assinatura

APÊNDICE B- CARTA DE AUTORIZAÇÃO



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE
PERNAMBUCO UNIDADE ACADÊMICA
DE SERRA TALHADA**

CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, representante da Família Ramos, tenho ciência e autorizo a realização da pesquisa intitulada: *Banco Informatizado de Textos (BIT): a constituição de um corpus de manuscritos e impressos pernambucanos do século XVIII, XIX e XX* sob responsabilidade do pesquisador Dr. Cleber Alves de Ataíde, no campus UFRPE/ Unidade acadêmica de Serra Talhada (UAST), no banco de dados privado da família. Para isto, serão disponibilizados ao pesquisador um baú de madeira antigo, contendo variados gêneros textuais, dentre eles: cartas, escrituras, testamentos, telegramas; que datam de meados do final do século XVIII até XX.

Serra Talhada, 27/12/2017

Assinatura do representante

Dr. Cleber Alves de Ataíde

Coordenador do Laboratório de Documentação Linguística de Pernambuco

APÊNDICE C- FICHA SOCIAL DOS INFORMANTES



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA

FICHA SOCIAL DO INFORMANTE

1. DADOS DO INQUÉRITO

Inquérito nº: _____ Duração: _____
 Data de realização do inquérito: _____
 Documentador: _____
 Local de realização do inquérito: _____

2. IDENTIFICAÇÃO DO INFORMANTE

Nome completo: _____
 Endereço: _____
 Telefone: _____
 Naturalidade: _____ Data de nascimento: ____/____/____
 Com quantos anos chegou à cidade (no caso de não ser natural da cidade): _____
 Profissão: _____ Outras atividades: _____
 Estado civil: _____
 Instrução: 2º ao 5º ano () 6º ao 9º ano () Ensino superior () Não frequentou escola ()

Esteve fora da cidade por mais de um ano? Sim () Não ()
 Nome do(s) lugar(es) em que morou por mais de um ano: _____

Naturalidade do pai? _____ Onde morou por mais tempo? _____
 Naturalidade da mãe? _____ Onde morou por mais tempo? _____

3. COMPORTAMENTO SOCIAL

Costuma ouvir rádio? Sim () Não ()
 Quais emissoras? _____

Programa(s) preferido(s)? Noticiário policial () Música () Esporte ()

Novela () Telejornal ()

Vê televisão? Sim () Não () Quais canais? _____

Programa(s) preferido(s)

Tem hábito de ler jornal? Não () Diariamente () De vez em

quando ()

Qual(is) jornal(is)? _____

Lê revistas? Sim () Não () Quais? _____

Pratica alguma religião? Sim () Não () Qual? _____

Espontaneidade durante a entrevista: Total () Média () Pouca ()

4. GRAU DE INTIMIDADE COM O DOCUMENTADOR

Grande ()

Médio ()

Pouco ()

Nulo ()

OBSERVAÇÕES: _____
